



RESENHAS



RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, Justificando, 2017.

Catia Eli GEMELLI, *IFRS/Campus Osório*

Aline Mendonça FRAGA, *Escola de Administração/UFRGS*



“*O que é lugar de fala?*” da filósofa, ativista e escritora feminista Djamila Ribeiro foi o primeiro lançamento da coleção *Feminismos Plurais*, organizada pela própria autora, e pelo Grupo Editorial Letramento, através do selo do Portal Justificando da Carta Capital. A coleção de livros – que conta com organização e escrita de mulheres negras e indígenas e de homens negros – propõe uma narrativa disruptiva do padrão patriarcal, racista e heteronormativo. Em 2019, a coleção foi relançada pela editora Pólen Livros.

*Bestseller* com mais de 50 mil cópias vendidas, “*O que é lugar de fala?*”

também foi o segundo livro mais vendido na edição de 2018 da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) e o nono mais vendido na edição de 2019. Após ser traduzido para o francês, no mês de julho de 2019, Djamila anunciou a assinatura de contrato para a tradução do livro para o espanhol.

A parceria da autora com o Portal Justificando já diz muito da proposta e estilo de escrita da sua obra. Djamila é conhecida por ser uma *filósofa pop*, com linguagem simples e acessível. Presente em redes



sociais como *facebook* e *instagram*, possui, respectivamente, mais de 200 mil e 400 mil seguidoras/es. Por promover discussões importantes sobre temas emergentes ao feminismo, especialmente para o feminismo negro, com uma fala didática e descomplicada, seus vídeos e textos postados nessas redes são muito compartilhados, transformando Djamila em uma referência atual quando se trata de feminismo negro. O Justificando, por sua vez, é um portal que descreve sua origem como aquela comum às discussões nas ruas e nos bares, com o objetivo de questionar. Compreende-se como um portal de jovens, para jovens, comprometido com a liberdade e com as lutas raciais e de gênero. Tanto Djamila como outras/os autoras/es da coleção *Feminismos Plurais* foram/são colunistas no portal e endossam uma perspectiva de produção e comunicabilidade dos mais variados saberes.

Para além das reflexões sobre o feminismo negro, a obra traz contribuições potenciais para os estudos sobre narrativas ao promover o debate acerca da linguagem como manutenção do poder; a divulgação da produção intelectual de grupos historicamente marginalizados; a interseccionalidade; e o *lugar de fala*. A citação de Lélia Gonzalez que antecede a apresentação do livro, retirada do texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, já evidencia essa articulação – “E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos) que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa”.

Trata-se de uma narrativa na primeira pessoa – a própria Djamila – e, em vários momentos, no plural – em referência à equipe editorial, às ativistas feministas, aos grupos marginalizados na história e às autoras e autores negras e negros. Coerente com uma escrita sobre *lugar de fala*, a autora promulga uma discussão coletiva ao longo da sua obra. No percurso das suas reflexões, faz referência e interage com obras de diversas feministas negras como Angela Davis, Patricia Hill Collins, Sojourner Truth, bell hooks, Grada Kilomba, Lélia Gonzalez, Jurema Werneck, Luiza Bairros, Sueli Carneiro, entre outras. No caminho que leva as leitoras e os leitores ao entendimento de *lugar de fala*, Djamila preocupa-se com a construção histórico-intelectual e de luta dessas mulheres negras. Dialoga ainda com outras importantes autoras feministas, como Linda Alcoff, Simone de Beauvoir, Guacira Lopes Louro e Adriana Piscitelli.



Orquestrar e ecoar as vozes silenciadas preconiza discutir sobre a linguagem como mecanismo de manutenção do poder. Esta premissa apresenta-se, já nas primeiras páginas da obra, quando a autora expõe que um dos objetivos da coleção *Feminismos Plurais* é a utilização de uma linguagem didática e acessível. A intenção primária é tornar as ideias expostas facilmente compreensíveis mesmo a quem foi afastada/o das oportunidades de acesso ao sistema educacional.

O tema volta à pauta com a referência ao estilo de escrita da pensadora e feminista negra Lélia Gonzalez que utilizou em diversos de seus textos uma linguagem sem reverência às normas gramaticais. A asserção é de que, dependendo da forma como é utilizada, a linguagem torna-se uma barreira à interpretação e ao compartilhamento do saber.

Djamila argumenta que há uma invisibilidade histórica das narrativas de mulheres negras, tomando como exemplo o debate atribuído à terceira onda feminista sobre a universalização da categoria mulher. Universalização esta que exclui. A partir da citação datada de 1851 da abolicionista afro-americana, escritora e ativista dos direitos das mulheres, Sojourner Truth, Djamila demonstra que o debate sobre essa universalização já havia sido colocado em pauta anteriormente. Ao questionar à que mulher se referiam os discursos em defesa de direitos, Truth destacava a invisibilidade da mulher negra: “e não sou uma mulher?”. Por isso discorreu em seus poemas sobre a necessidade de que as mulheres brancas de classes sociais privilegiadas, que estavam à frente do movimento sufragista, pensassem sua própria “reforma”.

Mulheres negras já questionavam os modelos hegemônicos, produzindo disputas de narrativas para além das perspectivas dominantes. Ancorada no estudo de Giovana Xavier, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Djamila enfatiza que a questão sobre os protagonismos de fala e de escuta referem-se à análise sobre quais histórias não são contadas.

Aliançada novamente à Lélia Gonzalez, expõe que há uma hierarquização de saberes com base dos extratos sociais. O modelo universal de ciência é branco, visto que quem possui o privilégio social possui também o privilégio epistêmico. Por isso a necessidade de escuta da produção intelectual narrada por mulheres negras e indígenas e por homens negros, como inspirada pela coletividade da *Feminismos Plurais*.



Linda Alcoff, Lélia Gonzales e bell hooks são algumas das pensadoras com quem Djamila alia-se para destacar que muitos saberes são negligenciados e deslegitimados nas concepções epistemológicas hegemônicas. Da mesma forma, diversas identidades têm sido historicamente silenciadas nas narrativas publicadas, estudadas e compartilhadas. Nesse contexto, é comum que aquelas e aqueles que se dedicam ao debate de concepções omitidas na história recebam a alcunha de “identitárias” e “identitários”. A própria autora relata que, ao pensar e escrever sobre a importância epistêmica da identidade, em um projeto de descolonização do conhecimento, recebe constantemente a “crítica” de ter uma produção “identitária”.

A ressignificação das identidades que foram caladas ao longo do tempo, como as de raça, de classe e de gênero, torna visível quem foi considerada/o coadjuvante até em sua própria história, implícita nas universalizações chanceladas pela normatização hegemônica. A interseccionalidade permite que suas narrativas sejam evidenciadas sem uma hierarquização das opressões. Para exemplificar a perspectiva interseccional, Djamila recorre à Audre Lorde, feminista negra caribenha e lésbica, que destacou a dificuldade de se sentir pertencente a um movimento de luta contra a opressão. Ao enfatizar a necessidade de considerar-se todas as diferenças, Lorde instiga a ampliação dos olhares epistêmicos para as diversidades e suas dinâmicas simbólicas que convergem e divergem.

Por fim, Djamila discute o tema que dá nome ao seu livro: o *lugar de fala*. Toda a construção teórica dos capítulos anteriores mostra-se fundamental para a compreensão da construção basilar da obra. Sua argumentação central é de que é possível debater sobre *lugar de fala* a partir da teoria feminista, principalmente, do feminismo negro, levando em conta quatro pontos-chave.

Primeiro, a autora traz a questão da banalidade atribuída ao *lugar de fala*, quando utilizado sem embase teórico. Para ela, essa propagação, principalmente no mundo virtual, causa um esvaziamento de um conceito caro para as pautas de grupos subalternizados. No campo da comunicação, como apresentado no livro, *lugar de fala* é um instrumento teórico-metodológico para notabilizar os veículos populares que concedem espaços de fala diversos, e funcionam em uma lógica alheia à grande imprensa. Nesse caso, *lugar de fala* representa uma ruptura com o pensar hegemônico, ao comunicar narrativas de diferentes pontos de vista.



Segundo, a marcação do *lugar de fala* é imperativa para que se reconheçam as realidades que foram desconsideradas na pauta hegemônica. Djamila alerta que na perspectiva feminista existem diversas compreensões sobre *lugar de fala*, com referência à Linda Alcoff, Gayatri Spivak, Patricia Hill Collins e Grada Kilomba. É, sobretudo, alicerçada no pensamento dessas duas últimas que a construção argumentativa de Djamila se desdobra.

Terceiro, adverte que reduzir *lugar de fala* somente a vivências individuais é um grande erro, visto que se trata de uma discussão estrutural. Nesse caso, não se nega a perspectiva individual, mas a ênfase é depositada no lugar social ocupado com referência à matriz de dominação. Outro sobreaviso expresso pela autora é de que o lugar social não determina, necessariamente, uma consciência discursiva sobre este lugar. Novamente, Djamila refuta a universalidade e destaca a multiplicidade e a interseccionalidade dos discursos para a quebra de hegemonias e garantia de representatividades.

Quarto, o livro encerra com o capítulo “*todo mundo tem lugar de fala*” que versa sobre a necessidade de responsabilização dos grupos de poder. Ou seja, que aquelas/es que ocupam posições privilegiadas - não só podem, como devem - estudar, debater e teorizar sobre questões de pessoas subalternizadas, refletindo criticamente a partir do local social que ocupam.

Longe de esgotar-se, o questionamento sobre “*O que é lugar de fala?*” segue presente, em especial na pauta feminista. O livro e a autora tornaram-se uma referência e provocam muitos outros estudos que avançam na discussão sobre como impulsionar narrativas de grupos historicamente silenciados. O tema “Lugares de fala: direitos, diversidades, afetos” foi escolhido como mote da 12ª edição do Fazendo Gênero, que acontecerá no ano de 2020. A proposta é reconhecer a importância das vozes que falam por si e por um comum compartilhado reivindicando direitos, quando e sempre que o contexto e a força das mediações as ameaçar de silenciamento.

## Referências

JUSTIFICANDO. Disponível em <<http://www.justificando.com/>>. Acesso em julho de 2019.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, Justificando, 2017.